



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Velharias Vimaranenses

A Confraria e Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, sua festa e procissão nos séculos XVII e XVIII

(Extractos de alguns livros dos arquivos da Irmandade e do Cabido)

No ano de 1583, António Dias Novais Bigodes, Amador de Freitas, mercador, João Vaz, mercador e Gonçalo Luís, sapateiro, elegeram-se, respectivamente, juiz, escrivão, tesoureiro e mordomo, e, com licença do Cabido, instituíram uma Confraria para louvor e honra de Nossa Senhora da Oliveira. Em 7 de Junho de 1585 contratam com o dito Cabido que no dia da Assunção de Nossa Senhora, a 15 de Agosto de cada ano, se faça uma procissão solene com a imagem de Nossa Senhora da Oliveira, que está no altar-mor, posta na charola, como ia dia de Santa Isabel, a qual levariam os clérigos pelas ruas por onde ia o SS.^{mo} Sacramento no domingo do seu oitavário, cuja procissão se faria depois da terça, antes da missa do dia, com o melhor acompanhamento de cera, etc.; e que aos sábados, entre matinas e prima, um dos cônegos cantasse missa, com acólitos e órgão, assistindo o Cabido e os confrades, tangendo-se em antes o sino de N. S.^a, tangido pelo sineiro privilegiado, que por isso seria confrade, bem como todos os cônegos. O Cabido, já em 3 do dito mês e ano, tinha dado 10\$000 reis de esmola a esta confraria, novamente ordenada, pela entrada dos cônegos para confrades.

— A 23 de Julho do mesmo ano de 1585, os ditos instituidores contrataram com os padres corei-

ros levarem estes a charola na procissão e acolitarem a missa cantada aos sábados, gratuitamente, tendo como recompensa serem confrades.

— A Câmara Municipal delibera acompanhar a procissão todos os anos, como se vê do documento seguinte: — «Dizemos nós, Manuel de Moura Coutinho, João de Sousa Alcoforado e André Afonso Peixoto, vereadores, e Bartolomeu Borges, procurador desta vila de Guimarães, que nós assentamos em Câmara com as pessoas nobres e da governança, que em louvor de Nossa Senhora da Oliveira, e por ser nossa padroeira, e por ornato da procissão que no seu dia faz a confraria, acompanhássemos a dita procissão e fôsse nela incorporada a Câmara, e por êste dizemos que nós não queremos em tempo algum usar de posse ou direito na dita procissão, nem prejudicar nela a direito algum que nisso possam ter os senhores dignidades, cônegos e cabido de Nossa Senhora da Oliveira desta vila e assim aos Prelados dela; e para sempre constar esta verdade, fizemos e assinamos êste em Câmara, a 12 de Agosto de 1600. André Afonso Peixoto. Manuel de Moura Coutinho. João de Sousa. Bartolomeu Borges» ⁽¹⁾.

— A Câmara não só acompanhava a procissão, como também concorria para ela (como se vê das suas contas em alguns anos), pagando a dança mourisca, os chamareleiros e a quem levava as bandeiras dos ofícios; e nas festas profanas, também despendia com a construção de dous palanques, sendo um na Praça Maior e outro no Toural, para assistir naquele às comédias e neste às touradas ⁽²⁾; com os panos de sêda para os cobrir e condução e recondução das cadeiras para êles em cada um dos oito dias das festas, em que a Câmara e os ministros assistiam, e com as garrochas para as touradas. O Cabido também man-

⁽¹⁾ Arquivo do Cabido, tômo dos Padroados.

⁽²⁾ Os marchantes eram obrigados a dar os touros para correr, em tôdas as festas da Câmara.

dava construir dous palanques, à porta travessa da igreja, para neles assistir aos mesmos actos (1).

— Em 1645 a despesa com a festa e procissão, foi: armação, 10\$000; chameleiros, 600; padres coreiros, de levar a charola, 900; músicos da capela, 3\$500; músicos que foram nos carros da procissão, 580; a António Pereira, feitiço de três carros que foram na procissão, 2\$200; ao pintor dêles, 2\$600; aos homens que os conduziram, 1\$500; a António de Araújo, para a dança dos rios (?), 580; alfinetes e guita para as insígnias das figuras, 70; mimos para o pregador e pessoas que ajudaram, 1\$460; soma, 23\$990 reis (2).

— Em 1646 a Confraria passou a ser Irmandade.

— Em 1647 a Rainha, em nome do Príncipe, mandou o almoxarife entregar 200\$000 reis para ser celebrada diariamente uma missa no altar de Nossa Senhora, para liberdade do Infante D. Duarte.

— Em 1652 o almoxarife entregou 200\$000 reis por mandado da Rainha, que era «juiz» (3).

— Em 14 de Agosto de 1654 o Corregedor desta comarca e o Juiz de Fora, mandaram lançar um bando, para que nenhuma pessoa, andando emmascarada nas festas que se faziam a Nossa Senhora da Oliveira, trouxesse armas defensivas nem ofensivas. Estando o Alcaide António da Rocha na igreja de N. S.^a da Oliveira, disseram-lhe que passava um

(1) As festas tinham grande concurso de povo de longínquas terras, porque eram acompanhadas duma feira franca, criada por D. Afonso V e confirmada por D. João III em Almeirim, a 9 de Março de 1526, que durava oito dias. Começava a 15 de Agosto.

(2) É esta a única descrição das festas neste século.

(3) Nos muitos anos que não se mencionam, é porque a festa era a expensas do juiz ou dos mesários; houve anos em que não se fez, devido a estar a Nação de luto, ou a vila estar interdita, por causa das lutas que o D. Prior, Cabido e Câmara traziam com o Arcebispo de Braga.

homem emmascarado, com um mangoal, pela praça, e que ia para o Campo da Feira. O Alcaide saiu logo, levando em sua companhia o escrivão Francisco Veloso, e chegando à porta da vila do Campo da Feira, viu o emmascarado entrar com o mangoal numa casa, onde foi prendê-lo da parte de S. Maj.^{de}, e vindo com êle para a Praça Maior, lhe surgiu da igreja o cônego Paulo Barroso, com outros cônegos mais, que tiraram o preso das mãos do Alcaide. Subindo o preso emmascarado para a porta da igreja de N. S.^a e dizendo algumas palavras descompostas, o Alcaide se tornou a abalançar a êle e o tornou a prender, havendo nessa altura revolta entre o Alcaide, os ditos cônegos e outros clérigos, que também entraram na contenda. A êste reboliço acudiu o Juiz de Fora, que estava na dita igreja ouvindo missa, e com êle se travaram alguns dos cônegos, dizendo que não haviam de tirar dela o emmascarado; e com efeito ficou na igreja.

O Corregedor, em 10 de Setembro, participou o ocorrido a S. Maj.^{de}. El-Rei, por provisão do Desembargo do Paço, de 3 de Outubro, ordenou ao Desembargador da Relação do Pôrto, João Juzarte da Fonseca, que estava nesta vila em diligências do real serviço, fizesse devassa do caso, e, ao que dela averiguasse, desse conta à Mesa do dito Desembargo.

O Alcaide deu por testemunhas:

Bento da Cruz Lobato, tabelião, morador na rua do Gado. No seu depoimento, entre várias coisas, disse que o preso era o P.^e Paulo Gomes, clérigo que servia a dita igreja.

Dr. Simão Machado de Miranda — ...que o preso, vendo-se livre das mãos do Alcaide, disse contra êle algumas palavras descompostas e injuriosas.

Dionísio do Amaral de Barbosa — Nada de novo adiantou no seu depoimento.

Francisco Veloso, tabelião — ...que o Arcipreste António de Meira foi quem disse na igreja, ao Alcaide, que passara por ali um máscara com um mangoal, e que era mal feito não se guardarem os pregões que estavam dados.

Amador de Freitas Sampaio, cunhado do Juiz de Fora — Pouco adiantou ao já conhecido e sabido.

Estêvão Machado de Miranda, fidalgo de linhagem — ...que o preso chamou ao Alcaide bêbado e outras palavras de que não se lembra. Disse mais, esta testemunha, que o Arcipreste é parente de seus filhos, pelos Peixotos, mas não sabe em que grau.

O L.^{do} *Hierónimo Vaz*, advogado e infância, disse que o preso era filho do ex-porteiro da correição, e que quando do reboliço o preso entrou na igreja, estava muita gente na Praça, para ouvir o sermão do pelote.

Cristóvão Machado Riconado, infância, morador na sua quinta em Azurém — Nada adiantou.

Não se sabe qual foi o resultado desta devassa.

— Em 1661-1662 e 1663-1664 foi a festa feita à custa do juiz, que era o conde de S. João, general de cavalaria das províncias do Minho e Chaves.

— Em 10 de Abril de 1679 faleceu no Pôrto de Santa Maria (Espanha) o capitão D. João de Salzedo e Silva, fidalgo da casa real de Portugal e cavaleiro comendador da Ordem de Cristo (foi quem deu a meada de ouro e a cruz de esmeraldas a N. S.^a da Oliveira), o qual deixou a esta irmandade o legado de sete mil pesos, que produziram 4.200\$000 reis, com o encargo anual de 350 missas a dizer na igreja da colegiada e outros pequenos encargos mais.

— A Irmandade, em 28 de Dezembro de 1698, deliberou mandar fazer o andor de N. S.^a, de prata, pelo risco e planta que fez Pantaleão da Rocha e Magalhães, da cidade do Pôrto. Em 1702 foi pago o andor, feito no Pôrto, que importou em 2.152\$365 reis, o qual serviu na procissão até o ano de 1807, tomando depois conta dêle os Franceses.

— El-Rei manda dar anualmente, conforme seu pai dava, 100\$000 reis a N. S.^a da Oliveira, da vila de Guimarães, por decreto de 2 de Setembro de 1807.

— Em 1707, o D. Prior D. João de Sousa, deu de esmola 200\$000 reis. A festa e procissão fizeram a seguinte despesa: Ao homem que gastou dois dias

em ir a Braga chamar o armador, 400; armação de Braga, 40\$000; dança das matronas e a do instrumento, ambas feitas por Manuel da Costa, da rua de Gatos, 30\$000; dança dos romeiros, 8\$000; folia dos negros, 13\$000; 3 andores que se mandaram fazer, 12\$000; folia, 960; a quem vestiu a Senhora, 400; ao padre prioste, 600; música, 6\$800; 4 coreiros, 240; padres de S. Francisco, de acompanhar a procissão, 1\$000; 3 varas de fita de pontos e uma vara encarnada, para as mãos de N. S.^a, 2\$000; 2 sermões, 12\$000; 2 coreiros do turíbulo, 120; porteiro da maça, 60; oficial do Cabido, de chegar os bancos para a mesa, 120; 1 carro de juncos e espadas, 300; cera, 9\$080; um mimo que a Mesa mandou dar, 6\$000; à mulher que acarretou o necessário, 120; a Manuel da Costa, de tornar a sair outro dia da festa com a dança das matronas por ordem da Mesa, 3\$000; charameleiros, de assistir ao fogo, 1\$500; gaita de fole, véspera e dia da festa, 1\$200; outra gaita de fole no dia da festa, 550; 2 homens que assistiram a consertar as luminárias, barris e amassar barro, 300; 120 tigelas para os novelos, 480; barris para o fogo, 300; alcatrão e sebo para a iluminação, 8\$030; tachas e alfinetes, 60 reis.

— Em 1708, o Infante D. António deu de esmola 200\$000 reis. Despesa: duas danças que tomou Manuel da Costa, 30\$000; dança das Sevilhas, 17\$00; folia dos pretos, 14\$000; 3 gaitas de fole, véspera e dia da festa, 3\$600; um próprio a Arões para virem as tocheiras de prata, 100; folia, 960; charameleiros, 1\$500; 3 andores que se mandaram fazer, 12\$000; 12 homens que os conduziram, 1\$440; armação, 40\$000; clarim, 600; os novelos de alcatrão para a iluminação vieram feitos do Pôrto; 2 sermões, 12\$000; charameleiros na publicação da Mesa em 2 de Fevereiro, 300 reis.

— Em 1709, o juiz Nuno da Cunha, inquisidor geral, não aceitou o cargo, e não mandou resposta a tempo de se eleger outro. A irmandade trouxe uma apelação em Braga, contra o Cabido, e dali foi para o Tribunal da Legacia, sobre..... (?). — Satisfizeram-se

as missas pela alma do irmão D. Frei José de Saldanha, Bispo do Pôrto. Neste ano foi a procissão sem danças e só com um andor.

— Em 1710 foi juiz o conde de Vila-Verde. Satisfizeram-se as missas por alma do irmão D. João de Sousa, ex-Arcebispo de Braga e Arcebispo de Lisboa. Foi a procissão sem danças, só com um andor, e só houve um sermão.

— Em 1711 foi juiz o Conde de Vimioso.

— Em 1712 e 1713, não aparecem contas da festa.

— Em 1714 tornou a ser a festa como em 1707 e 1708. Despesa: Armador de Braga, 14\$400; 2 sermões, 19\$200; duas caixas de ameixa que se mandaram aos prègadores, 3\$500; a Manuel da Costa, por duas danças que foram na procissão, 10\$500; feitiço de 3 andores, 3\$960; chameleiros, pela noite do fogo, 600; gaitero e seu companheiro, por dia e véspera, 1\$440 reis.

— Em 1715 foi juiz D. Diogo de Ataíde. Por 3 andores, 3\$960; danças do instrumento e dosromeiros, 10\$500 reis.

— Em 1716, procissão igual à de 1715.

— Em 1717 foi juiz o Conde de S. João. Fogo da noite da festa e pregos e ripas para a árvore que se fez para êle, 18\$480; a Manuel Cardoso, que deu a folia preta, 15\$000; a João Fernandes Pègada, que deu três danças, a saber: do instrumento, da morte, e galegas, 21\$480; 3 gaitas de fole, véspera e dia, 3\$600; 3 andores, arranjados por António do Espírito-Santo, 3\$960; chameleiros, noite e dia da festa, 1\$200; varais novos da charola, feitos por André da Costa, 2\$880 reis.

— Em 1718: A um próprio que foi a Chaves convidar o conde de Alvor para juiz, 1\$300; prègador, que foi um lente, 24\$000; fogo da noite, a

Manuel da Costa, 26\$400; folia preta, a Manuel Cardoso, 15\$000; danças: do ponto, da morte, e das galegas, ao Pègada, 21\$480; 4 andores, 4\$800, e aos homens que os levaram, 1\$920; carpinteiro e pregos para o castelo de fogo, 560; armador, de armar o púlpito e castelo de fogo, 1\$200 reis. Disseram-se as missas pela alma do irmão Bispo Conde de Coimbra.

— Em 1719: Por 3 danças, 15\$300; 4 andores, 4\$800; duas gaitas, 2\$280 reis. Disseram-se as missas pela alma do irmão D. Luís Ambrósio, duque de Buarcos.

— Em 1720: Por 6 andores, 3\$600, e a 24 homens que os levaram, 2\$400; dança do instrumento, 4\$800; chameleiros, 900; duas gaitas de fole, 2\$280 reis.

— Em 1721: Por 4 andores, 3\$840, e aos homens que os levaram, 1\$440; baile que fez o organista, 38\$400; ao Pègada, por 3 danças que foram na procissão, 13\$200 reis.

— Em 1722: Por 4 andores, 3\$000, e aos homens que os levaram, 1\$600; baile que fez Manuel Cardoso, 24\$000; folia preta e carro, 19\$200; ao Pègada, de uma dança, 7\$200; baile que se vestiu na rua da Cadeia, 4\$200; um músico que veio do Pôrto para o baile, 6\$940; 3 gaitas de fole, 4\$560; 2 trombetas, 2\$400; armação do púlpito e armar o carro, 720; aluguer dos 2 carros para os bailes, 2\$400; 85 varas de linagem para cobrir os carros, 850; carpinteiros que consertaram os carros e pregos, 1\$640; tintas para se olearem, 2\$030; pintor, 960; aos homens que levaram os carros, 2\$700; fogo, 30\$240; carpinteiros que fizeram o jardim, e pregos, 620; 3 músicos para a dança do ponto, 6\$000; cordas para a dança do instrumento, 2\$400 reis.

— Em 1725: Por 3 andores, 2\$400, e aos homens que os levaram, 1\$200; "fogo da pólvora ao fogueteiro", 16\$320; 8 barris e pregos para se pre-

parar a armação do fogo, 600; Curaria, por levar a charola, 600 reis.

— Em 1726 foi D. Brás da Silveira juiz, e deu 200\$000 reis. Por 4 andores, 2\$880; aos homens que os levaram, 1\$920; 2 gaiteiros, 3\$840; armador por vestir os gigantes, 2\$320 e por vestir os carros, 720; fogo, 36\$000; aos carpinteiros que fizeram a armação para o fogo, 4\$800; aos homens que assentaram o fogo no castelo, 720; pregos para o assentar, 420; de acarretar a madeira para êle, 650; folia preta, 19\$200; 1 baile, 3\$840; a Manuel Cardoso, de tirar a solfa para 1 baile, 4\$800, e pelos músicos que mandou vir para o dito baile, 12\$000, e de sustentar os músicos em sua casa, 9\$600; 7 pares de sapatos de mulher, 3\$400, e 5 ditos de homem para o mesmo baile, 3\$600; refrêso ao baile, 720; 7 pares de meias de mulher, 2\$400; com quem vestiu o baile, 6\$000; aluguer de 2 carros para os bailes, 1\$920; aluguer da linhagem para vestir os carros, 800; tintas para os carros, 1\$300; ao pintor, 1\$60; pregos e arrioste para os mesmos, 680; 2 homens que levaram os carros, 1\$440; aluguer de 5 cabeleiras para o baile, 300; aluguer de 8 varas de franja para o mesmo, 1\$200; 2 homens que levaram os gigantes, 480; 2 tambores que vieram do Pôrto, 3\$840, e gasto que êles fizeram na estalagem, 2\$240; toureadores, 2\$400; tapagem do Toural, 4\$800; recadistas, 300; 88 varas de fitas dos "presos das sortilhas", 6\$685 reis.

(Continua).

JOÃO LOPES DE FARIA.